

O herói revivido: Martí e o discurso revolucionário cubano

José Antonio Ferreira da Silva Júnior

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Graduado e Mestrando em História

joseafsj@gmail.com

RESUMO: A revista cubana *Casa de las Américas* foi fundada em 1960 no contexto da Revolução Cubana (1959), constituindo-se como espaço de discussão e debate entre intelectuais envolvidos com o processo revolucionário. A publicação atuou no campo cultural e político latino-americano, não só difundindo e circulando ideias e noções, mas também construindo e estabelecendo discursos acerca de uma perspectiva oficial do processo cubano. Assim, buscou validar um modelo revolucionário no qual se insere seu projeto editorial. Neste artigo, pretende-se analisar um mecanismo de legitimação empregado por *Casa de las Américas* que se constitui sobre a figura e a obra de José Martí (1853-1895). Este intelectual cubano surge na revista como base de discursos de identidade, de apropriação histórica e de modelo revolucionário. A premissa central é de que o estudo da produção e da circulação destes discursos e concepções em tal contexto permite uma abordagem e aproximação diferenciadas da história intelectual latino-americana.

PALAVRAS-CHAVE: *Casa de las Américas*, José Martí, Revolução Cubana

ABSTRACT: The Cuban review *Casa de las Américas* was founded in 1960 in the context of the Cuban Revolution (1959), constituting a space for discussion and debate among intellectuals involved with the revolutionary process. The publication has acted in the Latin American cultural and political field, not only spreading and circulating ideas and concepts, but also building and establishing discourses about an official view of the Cuban process. Therefore it attempted to validate a revolutionary model in which is inserted its editorial project. This article aims to analyze a mechanism of legitimation employed by *Casa de las Américas* that was erected on the figure and work of José Martí (1853-1895). Thus, this Cuban intellectual appears in the journal as basis of discourses of identity, historical appropriation and revolutionary model. The central premise is that the study of the production and circulation of these discourses and concepts in this context allows a differentiated approach of Latin American intellectual history.

KEYWORDS: *Casa de las Américas*, José Martí, Cuban Revolution

***Casa de las Américas*: política e cultura**

A Revolução Cubana, em 1959, inaugurou um período inédito no que se refere às relações entre política e cultura. Isso porque o processo revolucionário superou a esfera política e se propôs a transformar a sociedade cubana a partir de seus diversos setores, abarcando também o campo cultural, econômico e social. Para a história da América Latina, estes eventos abrem possibilidade de novas perspectivas e novas aproximações já que o processo revolucionário envolveu inúmeros sujeitos históricos que permitem análises diferenciadas das relações travadas em dado contexto. A participação dos intelectuais, desde o triunfo revolucionário em 1959, e durante as décadas seguintes até os dias de hoje, ficou marcada por sua relação com o poder

político e com o campo cultural, em uma dinâmica por vezes conflituosa. Dada a centralidade que a cultura e suas expressões adquiriram no projeto revolucionário, não nos surpreende que a literatura, as artes e a história tenham se tornado campos de disputas políticas intensas protagonizadas por escritores, artistas, pintores, dramaturgos, *etc.* Muitos destes produtores culturais e intelectuais buscaram se inserir, e reivindicaram participação política na Revolução Cubana a partir de seu ofício e atuação no campo cultural e o fizeram majoritariamente através das inúmeras publicações e periódicos que se difundiram por Cuba e pela América Latina a partir dessa metade do XX. É assim que jornais, revistas literárias e culturais, suplementos e encartes se convertem em objetos privilegiados de estudo da história intelectual latino-americana.

A revista cultural e suas variações (revista literária, revista política) é um destes periódicos que tiveram grande circulação e difusão nos circuitos de impressos em diversos países da América Latina. O grande apelo que as revistas ofereciam está ligado à sua própria constituição que, à diferença dos diários e jornais, conta com uma periodicidade mais dilatada, reduzindo, assim, o impacto do imediatismo e da transitoriedade na sua elaboração e organização. Segundo a historiadora Regina Crespo, a materialidade da revista atribui maior permanência e uma validade diferenciada aos textos e autores que nela publicam se comparada com os jornais. No entanto, a autora destaca que, ao contrário dos livros, as revistas são mais flexíveis e dinâmicas, têm um valor transcendental e atemporal mais tênue e são mais ligadas ao seu presente e à sua conjuntura política. No contexto da Revolução Cubana, é este caráter de impresso intermediário entre livro e jornal que torna as revistas um alvo preferencial dos intelectuais ávidos por participarem de discussões e travarem diálogos com seus pares em diversos países do continente. Construídas sobre um projeto editorial formulado por um grupo, as revistas tornam-se pontos de reunião de intelectuais, constituindo assim uma rede de sociabilidade que supera fronteiras nacionais e atinge outros contextos, aproximando perspectivas e pontos de vista em comum e criando enfrentamentos e disputas entre posições e projetos conflituosos. A busca por um público e por um espaço de discussão configura a revista como suporte de inúmeros ensaios, artigos e textos de diversos autores que se constituíram como atores políticos e agentes culturais através justamente do alcance e visibilidade que as revistas constroem no campo político-cultural.¹

Estas características destacam um objeto importante para a história intelectual, mas foram críticos e teóricos literários que tornaram as revistas culturais da América Latina um

¹ CRESPO, Regina. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: FRANCO, Stella Maris. JUNQUEIRA, Mary Anne (Org.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: Usp/Humanitas, 2011, p. 98-102. v. 2. Disponível em: <<http://www.historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>> Acesso em: 30 abr. 2012.

material de estudo sistemático a partir da segunda metade do XX, abordando-as dentro da compreensão e análise da constituição e circulação de movimentos literários e artísticos. Paulatinamente e ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980, a centralidade das revistas cresceu e inspirou cada vez mais estudos e eventos dedicados aos pesquisadores que provinham de diferentes áreas. Atualmente, o aporte interdisciplinar está bem constituído e congrega saberes de diversas disciplinas como a sociologia, a teoria literária, a linguística, a ciência política e a história. Essa abordagem ajudou a atribuir às revistas um papel central na dinâmica cultural e política da América Latina, tornando-as objetos privilegiados para o estudo da história do continente a partir de uma metodologia e problemáticas próprias à sua materialidade que passa a ser vista conformando um gênero de escrita próprio, não sendo apenas suporte de outros gêneros.² A revista cultural que nos interessa como objeto de estudo neste trabalho já foi alvo de diversas análises devido a sua centralidade no contexto político-cultural do pós-Revolução Cubana.³

A revista *Casa de las Américas* foi fundada em 1960 com o mesmo nome da instituição a que está vinculada. Foi publicada bimestralmente desde sua fundação até a década de 1990, quando passou a ser publicada a cada três meses, periodicidade que conserva até os dias de hoje. A crescente tiragem da revista é um primeiro indício de seu sucesso e da importância que ocupa no cenário intelectual latino-americano: iniciada com dois mil exemplares, chegou à cifra de quatro mil já em 1962; em 1965, este número subiu a nove mil; o crescimento continuou nas décadas seguintes e atingiu seu auge na década de 1980, com quinze mil exemplares.⁴ Esteve sob direção de Antón Arrufat desde sua fundação até 1965, quando passou a ser dirigida por Roberto Fernández Retamar, intelectual conhecidamente ligado aos dirigentes políticos e alinhado às políticas oficiais do regime cubano. Assim, a partir do número 30, de maio-junho de 1965, a direção de Retamar empreendeu algumas alterações: se fixaram seções e a presença de um editorial a cada número se tornou constante. O ano de 1965 costuma ser nos estudos sobre a revista um marco divisor. Nadia Lie atesta esta diferença entre uma fase e outra através da análise de categorias como a periodicidade, a produtividade e a coletividade expressas na revista. O estudo da autora conta com um amplo levantamento estatístico, o qual mostra que a bimestralidade tornou-se muito mais respeitada após 1965, sendo escassos os números duplos

² CRESPO, Regina. *Revistas culturais e literárias latino-americanas*, p. 103-115.

³ A revista *Casa de las Américas* figura em diversos estudos monográficos e teses como fonte principal de investigação ou ao lado de outras publicações em estudos mais amplos ou comparativos. Entre os principais, Cf. WEISS, Judith A. *Casa de las Américas: An Intellectual Review in the Cuban Revolution*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1977; LIE, Nadia. *Transición y transacción: la revista cubana Casa de las Américas (1960-1976)*. Leuven: Universiteit Leuven, 1996; QUINTERO-HERENCIA, Juan Carlos. *Fulguración del espacio: Letras y el imaginario institucional de la revolución cubana*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2002; ARNAIZ, Idalia Morejón. *Política y polémica en América Latina: las revistas Casa de las Américas y Mundo Nuevo*. México: Educación y cultura, 2010.

⁴ GONZÁLES BAZÚA, Alejandra. *Viaje a Casa de las Américas en dos números*. In: CRESPO, Regina Aída (Org.). *Revistas en América Latina: Proyectos literarios, políticos y culturales*. México: UNAM/Eón, 2010, p. 481.

que cobriam períodos de quatro meses, um mecanismo muito usado nos primeiros anos de existência de *Casa de las Américas* para driblar a pressão da apertada periodicidade. Também o número médio de páginas e artigos por edição praticamente dobra nesta segunda fase. Quanto à coletividade, a mudança estaria expressa na presença agora fixa de um “comitê de colaboração”, constituído por intelectuais cubanos e estrangeiros envolvidos com o processo revolucionário e com o projeto que a revista representava.⁵

A criação da instituição *Casa de las Américas* em 1959 se insere num esforço do recém-instituído regime revolucionário de fundar órgãos responsáveis por promover a cultura e a arte e desenvolver atividades que tornassem estas expressões culturais acessíveis a toda a população.⁶ Isto mostra o espaço que a cultura tinha na proposta revolucionária: a transformação não passava só pela democratização das linguagens culturais e artísticas. Tratava-se de criar espaços de produção que colocassem em diálogo os diferentes setores da sociedade cubana. Mais que isso, a proposta cultural da Revolução Cubana englobava uma concepção de cultura comum entre os países da América Latina. Por isso a ideia de diálogo cultural estava encarnada no projeto editorial da revista *Casa de las Américas*, várias vezes reafirmado em seus editoriais.

O caráter internacional da revista, já figurado em seu nome, é constantemente recolocado pela colaboração frequente de autores estrangeiros não só com textos, mas também na confecção e no funcionamento editorial da revista. As problemáticas e discussões propostas pela publicação abarcam contextos amplos e tratam de análises de casos nacionais ressaltando sua significação para todo o continente e para a comunidade latino-americana. Podemos observar melhor como a cultura é um elemento central para a concepção de comunidade da revista num editorial de 1964 redigido sob o embargo das relações internacionais imposto pelos EUA e pela OEA (Organização dos Estados Americanos). A cultura seria o elo que o embargo não poderia superar: “Mientras en Washington se acrecentaba la política de división, nosotros trabajábamos por la comunicación, mutuamente enriquecedora, de las culturas nacionales”⁷. Neste trecho surge a proposta de comunicação a que se propõe a revista. A publicação, como meio de discussão cultural, pretendia ser o espaço de efetivação desta comunidade. Assim, a revista *Casa de las Américas* se colocava dentro do projeto revolucionário e representou um veículo de exportação do discurso oficial, das concepções e noções que figuravam neste ideário revolucionário que

⁵ LIE, Nadia. *Transición y transacción*, p. 25-28.

⁶ Um bom exemplo destes órgãos é o *Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos*, o ICAIC, também fundado em 1959, e que se constituiu como referência no cenário cinematográfico latino-americano já em seus primeiros anos. Cf. VILLAÇA, Mariana. *Cinema cubano: Revolução e política cultural*. São Paulo: Alameda, 2010.

⁷ EDITORIAL Nuestra respuesta. *Casa de las Américas*, Havana, n. 26, p. 2, out./nov. 1964.

colocava Cuba na liderança das esquerdas latino-americanas em um movimento rumo à revolução continental.

Na conformação de seu ideário revolucionário oficialista, *Casa de las Américas* lança mão de vários elementos e fatores que legitimam e autorizam seu discurso, que lhe auxiliam na construção discursiva da identidade latino-americana e na validade de seu projeto diante de grupos intelectuais dispersos pelos mais diferentes contextos. Um desses elementos é a presença constante dos grandes nomes e figuras da Revolução na revista. Dentre Fidel Castro e Che Guevara um nome se destaca mais: José Martí. Cubano, nascido em 1853, torna-se herói nacional e mártir ao dedicar sua vida à busca pela independência de seu país. Morre em 1895, durante os conflitos que levariam à independência cubana em 1898. Martí deixa uma obra poética e ensaística considerável que é em parte republicada e reeditada no século XX, dada a vigência de sua figura entre os cubanos. Mostra disso é a autodefesa de Fidel Castro em 1953 em seu julgamento pelo ataque ao quartel Moncada.⁸ No discurso, publicado em formato de livro sob o título de *A história me absol verá*, Castro atribui a Martí a autoria intelectual do movimento rebelde.

Nadia Lie ressalta como a figura de Martí é fortemente apropriada pela revista: o “apóstolo”, epíteto atribuído a Martí, adquire onipresença temporal, constantemente “ressuscitado” pelas referências a sua obra e a sua pessoa. Na verdade, a autora revela uma presença maior ainda de Martí quando empreende uma análise dos editoriais da revista entre os anos 1960 e 1976 e constata que a maior parte das citações que aí aparecem são dele. A autora defende que estas citações nos editoriais contribuem para a construção da figura martiana como o primeiro denunciador do imperialismo americano que sacrificou sua vida pela realização da segunda independência de Cuba e da América Latina, aquela que livraria os povos do continente da dominação e do neocolonialismo empreendido pelos EUA.⁹

Assim, nos propomos a investigar o lugar que a figura de Martí ocupa no projeto da revista *Casa de las Américas*. Sua presença no ideário revolucionário é significativa e a revista, ao trazer para suas páginas o discurso oficial do regime, também se apropria de Martí e o torna parte essencial deste projeto editorial conformado pela Revolução Cubana. Nossa proposta é indicar três mecanismos de apropriação e uso de sua figura que revelam como a revista atuou no campo político-cultural cubano e latino-americano no contexto revolucionário. A partir desta análise,

⁸ O ataque ao Moncada foi resultado de uma ação organizada por Castro em um movimento contra a ditadura de Fulgencio Batista. O ataque seria realizado a dois quartéis, o Moncada e o Bayamo, no dia 26 de julho de 1953, data significativa porque era o centenário de aniversário de Martí. O assalto falhou e a maioria dos rebeldes foi morta. Fidel Castro foi preso, sendo libertado dois anos depois, quando se exilou no México.

⁹ LIE, Nadia. *Transición y transacción*, p. 91-112.

queremos discutir como a revista procedeu para a concretização de sua proposta e debater sua função social no âmbito da Revolução Cubana.

Identidade e resistência

O primeiro mecanismo a que queremos nos referir diz respeito às referências feitas a Martí sobre o tema da identidade e unidade. O discurso conformado na revista, através das várias vozes que a compõem¹⁰, recorre frequentemente ao ideário e pensamento martiano ao tratar desta temática e, assim, usa a figura de Martí para a constituição de um discurso identitário que, segundo nosso argumento, faz parte de uma função revolucionária. A importância que este autor conferiu à constituição de uma identidade cubana e latino-americana fica patente em sua obra. Ao pensar e construir uma proposta de modelo educativo, Martí deixa claro que a valorização da identidade do homem latino-americano agiria no sentido de resgatar sua dignidade, destruída após os longos anos de colonialismo e condição de inferioridade a que teria estado submetido. Este seria um passo essencial na consolidação das independências do continente.¹¹

A revista tomou o empenho de Martí pela libertação da também colônia antilhana de Porto Rico para constituir exemplo de como sua noção de identidade supera as fronteiras cubanas, abarcando o Caribe e também todos os países latino-americanos: “La conjunción cubano-puertorriqueña quiere salvar a la América del peligro que la asecha”¹². Em um famoso texto de 1891, Martí desenvolveu a concepção de *nuestra América* para se referir a esta comunidade latino-americana que estaria unida por seus traços culturais comuns existentes antes da chegada dos colonizadores europeus.¹³ Tal conceito será utilizado pela revista *Casa de las Américas* para apelar à América Latina como unidade cultural, conformando um “latino-americanismo”. Num editorial de 1964, já anteriormente citado, o conceito surge pela primeira vez nas páginas da revista sob aquele contexto do embargo a Cuba:

Sin embargo, Cuba es y seguirá siendo una parte de América Latina, pues a ella está ligada por sus orígenes, su formación, su lengua, su desarrollo cultural, por su esfuerzo de liberación y justicia. Estamos y continuaremos dentro de la comunidad

¹⁰ A autora Nadia Lie desenvolve o conceito de “enunciante” para explicar como os vários autores e os vários textos integram-se num discurso que, apesar da polifonia, tem unidade na mensagem. Cf. LIE, Nadia. *Transición y transacción*, p. 91.

¹¹ As concepções e ideias de Martí sobre a educação e sua importância no projeto de independência que este autor propõe estão reunidas em sua obra *La edad de oro*. Cf. ALBERINI, Alexandra. *Educar o Povo: uma leitura de La Edad de Oro de José Martí (1889)*. 2012. Monografia (Graduação em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas.

¹² MORALES, S. Martí en la génesis de la solidaridad antillana. *Casa de las Américas*, Havana, n. 90, p. 51, mai./jun. 1975.

¹³ Originalmente publicado no jornal mexicano *El Partido Liberal*, em 1891, este texto foi republicado inúmeras vezes. A versão que usamos está disponível em: MARTÍ, José. *Nuestra América*. *Casa de las Américas*, Havana, n. 68, p. 6-11, set./out. 1971.

latinoamericana, de esta parte ‘nuestra’ de América, tal como la concibiera Martí, a cuya cultura hemos contribuido en la medida de nuestras fuerzas.¹⁴

Nadia Lie destaca que, desde então, a expressão *nuestra América* tornou-se onipresente nos editoriais da revista.¹⁵ O conceito de Martí torna-se corriqueiro e transforma-se em designação corrente da América Latina nos textos e ensaios da revista, por exemplo: “Pocos personajes históricos en la América Nuestra se prestan mejor para esta interpretación [...]”¹⁶. Assim, esta concepção foi frequentemente usada pelo discurso da revista para fazer referência a uma unidade e homogeneidade cultural construída sobre o pensamento martiano.

Outro elemento central para esta construção identitária de *Casa de las Américas* é a presença do imperialismo norte-americano que, como vimos, segundo a revista, vem sendo denunciado por Martí desde o século XIX. A abrangência geográfica e espacial do imperialismo conforma também o alcance deste discurso identitário: “El imperialismo se manifiesta, antes de 1898, como penetración de capitales [...] en las tierras subdesarrolladas que se extienden entre el Río Grande y la Patagonia”¹⁷. O pensamento de Martí é, assim, apropriado como uma análise e denúncia do imperialismo norte-americano e foi usado pela revista como fator de união:

José Martí no penetró el resorte determinante del fenómeno imperialista, pero sí su *naturaleza opresora* y su *magnitud continental*. Nadie como él definió, por la conciencia de estas dos notas primordiales, la necesidad, presente y futura, de derrotarlo con la cerrada unidad de sus víctimas. De la unión – clamaba Martí – *depende nuestra vida* (grifos do autor).¹⁸

69

Neste trecho está presente um outro elemento extraído da obra de Martí que foi utilizado para a conformação do discurso de identidade: a unidade dos explorados. Essa era uma proposta recorrente que Martí denominava “união indispensável” e figurava em sua estratégia de luta e resistência ao imperialismo norte-americano. É através desta noção de unidade que *Casa de las Américas* inseriu Cuba no contexto mundial de revolução e resistência da segunda metade do século XX. A revista traçou um paralelo discursivo com outros processos políticos a partir de conceitos como “terceiro mundo” e “países subdesenvolvidos” e também a partir da compreensão da existência de um mesmo inimigo que aflige essa comunidade: “De ahí que el neocolonialismo o el neoimperialismo entrañe determinados métodos económicos, militares y políticos, destinados a la penetración en los tres continentes”¹⁹. Isso permite à revista aproximar

¹⁴ EDITORIAL Nuestra respuesta. *Casa de las Américas*, Havana, n. 26, p. 2, out./nov. 1964.

¹⁵ LIE, Nadia. *Transición y transacción*, p. 94.

¹⁶ MALDONADO-DENIS, M. El Martí de Martínez Estrada. *Casa de las Américas*, Havana, n. 50, p. 167, set./out. 1968.

¹⁷ PORTUONDO, J. Martí y Darío, polos del modernismo. *Casa de las Américas*, Havana, n. 42, p. 68, mai./jun. 1967.

¹⁸ MARINELLO, J. “Fuentes y raíces del pensamiento antimperialista de José Martí”. *Casa de las Américas*, Havana, n. 90, p. 7, mai./jun. 1975.

¹⁹ *Casa de las Américas*, n. 57, p. 113, nov./dez. 1969. “Três continentes” se refere à América Latina, África e Ásia. Esta foi uma compreensão bem estabelecida nos anos 1960 no discurso revolucionário cubano que buscava marcar

Martí de figuras como Ho Chi Minh, líder vietnamita na luta contra os EUA nos anos 1960, e afirmar a importância da união que superasse o nacional, como podemos notar neste excerto de um artigo publicado em 1975: “Ho Chi Minh y Martí, que se dieron a la tarea de la unidad de sus pueblos en la lucha por la independencia, convinieron en que dicha lucha trascendía el marco nacional”²⁰. Mais adiante, o texto continua: “¿Qué es la historia de Cuba, sino la historia de la América Latina? ¿Qué es la historia de la América Latina sino la de Asia, Africa y Oceanía?”²¹.

Assim, a figura de Martí se prestou à constituição de uma identidade que supera o contexto cubano, envolve a América Latina e chega à Ásia, passando pela África. Esta construção identitária, mais do que marcar a unidade dos explorados, estabeleceu um inimigo comum, único: os EUA e sua política imperialista. Isso garante a Martí o posto de “[...] héroe mayor de veinte pueblos atacados por el mismo enemigo”²². Esse discurso fez parte do projeto revolucionário cubano expresso nesta frase de Fidel Castro: a verdadeira independência “solo puede ser antimperialista, socialista e internacionalista”²³.

O século XIX e a Revolução Cubana

A revista *Casa de las Américas* não esgota, no entanto, o pensamento e a obra martiana na temática da identidade. Martí, através de seu legado intelectual, contribuiu para o estabelecimento de uma aproximação e apropriação do passado e da história de Cuba. Isto marca uma busca por legitimar o processo revolucionário iniciado em 1959, busca essa que conforma-se através da noção de que o povo cubano esteve sempre em luta pela liberdade, desde os primeiros movimentos pela independência do jugo espanhol no século XIX. O discurso da revista se pautou, então, pela difusão de uma série de noções que ligassem a Revolução Cubana a Martí e ao século XIX.

que os três continentes são as vítimas históricas da exploração e do capitalismo europeu e norte-americano nos últimos séculos. Foi esta ideia que gerou vários eventos para a aproximação e discussão de um projeto revolucionário que englobasse as esquerdas mundiais. Neste sentido, em 1966, em Havana, foi realizada a I Conferência Tricontinental de Havana e foi fundada, um ano mais tarde, a OLAS (Organización Latinoamericana de Solidaridad), entidade com sede em Havana que congregava lideranças e movimentos anti-imperialistas mundiais.

²⁰ DEL DÍA, M. Ho Chi Minh y José Martí, revolucionarios anticolonialistas. *Casa de las Américas*, Havana, n. 90, p. 64, mai./jun. 1975.

²¹ DEL DÍA, M. Ho Chi Minh y José Martí, revolucionarios anticolonialistas, p. 64.

²² MARINELLO, J. Fuentes y raíces del pensamiento antimperialista de José Martí, p. 10.

²³ DEL DÍA, M. Ho Chi Minh y José Martí, revolucionarios anticolonialistas, p. 62. O projeto revolucionário cubano foi se desenhando ao longo da década de 1960 e 1970. A crescente aproximação com a URSS marca várias mudanças nas políticas empreendidas pelo regime cubano. A dependência das relações exteriores com o bloco socialista se sobressai no campo econômico, sendo soviéticos os principais capitais investidos em Cuba, mas o campo cultural também sentiu um enrijecimento das políticas culturais que passaram a se apoiar, em certa medida, nas orientações do modelo socialista soviético. Isso foi alvo de grandes discussões, o que gerou atos de censura do governo e rompimento com o processo revolucionário cubano por parte de vários intelectuais. Cf. PERICÁS, Luiz Bernardo. *Che Guevara e o debate econômico em Cuba*. São Paulo: Xamã, 2004; MISKULIN, Sílvia. O ano de 1968 em Cuba: mudanças na política internacional e na política cultural. *Revista Esboços*, Florianópolis/UFSC, v. 15, n. 20, p. 47-66, 2008; MISKULIN, Sílvia. *Os intelectuais cubanos: a política cultural da Revolução (1961 - 1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.

A primeira destas ideias já foi abordada rapidamente e se trata de mostrar Martí como o primeiro a notar e alertar para o perigo que representava o imperialismo. Com os EUA encarnando o papel de mal maior e principal inimigo da Revolução Cubana, Martí ajuda o discurso oficial a localizar esta ameaça no século XIX. Já em seu texto “Nuestra América”, o autor marcava a diferença entre os dois povos que habitavam a América e o conflito inevitável entre eles. O desenvolvimento norte-americano surge como opressor da América Latina e Martí estava lá para denunciá-lo:

Quando comienza, en las últimas décadas del siglo pasado, el desbordamiento opresor, deja de justificarse el elogio a las fuerzas que lo impulsan, pero son escasas las voces – la de Martí entre las primeras y más altas – que denuncian desde la hora inicial el peligro en marcha.²⁴

Tratava-se assim de localizar a “hora inicial” da ameaça imperialista no século XIX, sob a tutela das denúncias de Martí. A revista vai estabelecendo, assim, uma linha de continuidade e paralelo entre o período de vida e luta de Martí no século XIX e a Revolução Cubana na segunda metade do XX: o primeiro elemento que constitui o elo é o imperialismo perpetuado no posto de opressor.

A formação de Martí enquanto homem revolucionário e a construção do processo de independência que culmina em 1898 é outro tema que fundamenta esta legitimação nas páginas de *Casa de las Américas*. Assim, o discurso constituído na revista quer reforçar a ligação entre os problemas de Cuba enquanto colônia e a atuação de Martí neste quadro político. Os primeiros movimentos independentistas, iniciados em 1868, durariam até 1878, conflito conhecido como Guerra dos Dez Anos. A participação de Martí neste processo foi curta: logo acaba preso e enviado para o exílio na Espanha em 1871. Até sua morte em 1895, viveu em diversos países como Venezuela, México e EUA. Na revista, é muito grande a importância atribuída a estas experiências (a prisão e o exílio) para a formação de seu caráter revolucionário e seu pensamento crítico:

Hubo dos etapas definidas en la formación de Martí: una primera [...] en que el pensamiento y la acción adquieren algunos de sus caracteres permanentes al compás de la experiencia propia nacional; y una segunda, en que aquellos elementos se vieron enriquecidos por los aportes de una universal contemplación del mundo de la época.²⁵

Assim o século XIX teria formado Martí. Durante seu longo período afastado de Cuba, enquanto seu país vivia uma convulsão política oprimida pelos espanhóis, as atividades de Martí que são traçadas pelos textos e artigos da revista, remontam a um incansável revolucionário. Para ele, os conflitos iniciados em 1868 representariam para o povo cubano uma tarefa a ser

²⁴ MARINELLO, J. Fuentes y raíces del pensamiento antimperialista de José Martí, p. 7.

²⁵ RIVEREND, J. Martí en la revolución de 1868. *Casa de las Américas*, Havana, n. 50, p. 109, set./out. 1968.

cumprida.²⁶ E, por isso, todo seu trabalho e sua vida estariam dedicados à organização da “guerra necessária”, a guerra de independência definitiva de Cuba. Dentre seus esforços é destacada a fundação do Partido Revolucionário Cubano, em 1892. Este partido, concebido e efetivado durante sua estadia nos EUA, ao congregar a luta de independência e as reivindicações do povo cubano, estaria criando um movimento distinto daquele de 1868 que falhou, segundo Martí, por falta de organização dos envolvidos.²⁷

Portanto, é alto o valor da preparação de Martí da independência cubana para o discurso legitimador de *Casa de las Américas*. Vendo nesta organização a concretização de seu pensamento político, a revista marca aí, com forte ênfase, o momento onde a luta do povo cubano teria surgido. A Revolução Cubana seria só mais um desdobramento do projeto revolucionário martiano, como podemos observar neste trecho:

Así, enraizado en una firme unidad ideológica, nació el Partido Revolucionario Cubano que alzó la guerra con un sentido y una faz nuevos, pero que, por la aviesa intervención imperialista, en 1898, quedó inconclusa. Mas la teoría martiana había clavado hondas sus raíces en el pueblo cubano, y reverdeció, medio siglo después, en una nueva batalla que, como la que él iniciara, desborda los límites entecos de una simple lucha de liberación nacional, para hacerse pelea de toda Nuestra América, y de todos los pueblos subdesarrollados, contra el imperialismo, por lograr, como él predijera, y por eso le tuvieron por loco o delirante, ‘el equilibrio del mundo’.²⁸

Fica clara neste trecho a continuidade estabelecida entre a Revolução de 1959 e o movimento organizado por Martí no XIX, com apenas um intervalo forçado pelas forças imperialistas. A legitimidade que o herói nacional empresta ao processo revolucionário do XX só é enriquecida com sua luta estando enraizada no povo cubano. A Revolução Cubana passa a significar, assim, ruptura com o período de ingerência norte-americana na ilha. Com as reivindicações e com o projeto martiano do século XIX, a relação estabelecida é de continuidade. Para construir uma tradição revolucionária cubana, o discurso da revista não precisa de grande esforço:

No hay, pues, que trasladarse a remotos confines para ver la grandeza humana actuante, sino que la podemos encontrar aquí, en nuestros pueblos, entre aquellos prohombres que nos han legado una tradición revolucionaria y humanística, y cuya prédica con el ejemplo dará a las generaciones presentes y por venir ese entronque que les permitirá identificarse con la auténtica tradición histórica – hasta hoy distorsionada por el colonialismo y el neocolonialismo – de pueblos que han sabido luchar tenazmente por su libertad.²⁹

Martí, modelo de revolucionário

²⁶ RIVEREND, J. Martí en la revolución de 1868, p. 109.

²⁷ PORTUONDO, J. Teoría martiana del partido revolucionario. *Casa de las Américas*, Havana, n. 90, p. 14-23, mai./jun. 1975.

²⁸ PORTUONDO, J. Teoría martiana del partido revolucionario, p. 23.

²⁹ MALDONADO-DENIS, M. El Martí de Martínez Estrada, p. 167-168.

Como já afirmamos, as relações entre intelectuais e dirigentes políticos se tornam especialmente intrincadas no contexto da Revolução Cubana. Esta proximidade e convivência de ambos os grupos nem sempre foi pacífica ou construída sobre o consenso. Rafael Rojas, em um texto publicado em 2007, defende que, nos processos revolucionários, há um período inicial de entusiasmo, que aproxima líderes políticos e vanguardas artísticas. No caso da Revolução Cubana, o autor nota que este encantamento dos primeiros momentos diminuiu conforme o regime foi estabelecendo seu governo e ditando as políticas que regulavam o campo cultural dentro da proposta revolucionária. Podemos perceber, então, que intelectuais e políticos se uniram quando do triunfo em 1959, e foram, ao longo dos anos 1960, se afastando em vista de uma série de eventos e atritos que revelaram um descompasso entre os dois grupos, culminando num rompimento entre parte da intelectualidade e o regime político de Fidel Castro.³⁰

Ao reivindicar participação política, os intelectuais afirmaram seu compromisso com a revolução e com a construção do socialismo em Cuba. Para as linguagens artísticas, este compromisso representou um peso considerável quando a demanda por uma cultura revolucionária passou a ser posta aos intelectuais. Assim, os escritores se defrontaram com uma série de concessões a serem realizadas que caracterizavam o entendimento do regime político acerca do que seria uma literatura verdadeiramente revolucionária. Fantasia e inventividade, por exemplo, eram elementos que dariam um caráter “alienado” e burguês às narrativas e, portanto, caíram em reprovação. Foi neste contexto, onde várias cobranças eram colocadas à literatura e aos seus autores, que cresceram e se difundiram debates e discussões sobre a liberdade de expressão, a validade do realismo e suas implicações políticas, que cercavam, na verdade, uma questão central: qual a função social do intelectual na revolução? Neste âmbito se constituiria um discurso de desautorização e deslegitimação da postura do intelectual que se tornava crítico ao regime, que demandava liberdade artística para suas obras e que lutava contra o crescente controle da política sobre a cultura e a arte. Este discurso anti-intelectualista configurou-se, então, sobre a afirmação de um modelo de atuação intelectual e cultural de acordo com as premissas

³⁰ ROJAS, Rafael. Anatomia do entusiasmo: cultura e revolução em Cuba (1959-1971). *Tempo social*, São Paulo, v.19, n. 1, p. 71-88, jun. 2007. O primeiro momento de atrito se deu em 1961, quando o governo, através do ICAIC, censurou o curta *PM*, realizado na ilha sobre a vida noturna em Havana. Os debates que desse caso procederam indicavam já o tipo de política cultural que o regime estava disposto a executar. Mas a intelectualidade cubana e internacional só se dividiria em razão das ingerências políticas na cultura alguns anos mais tarde, principalmente a partir de 1968, com os eventos do caso Padilla. O poeta Herberto Padilla, neste ano, havia sofrido uma repressão da *Unión Nacional de Escritores y Artistas de Cuba* (UNEAC) que condenava seu livro *Fuera del juego* por discurso contrarrevolucionário. O caso culmina em 1971 com a prisão do poeta, e com parte dos intelectuais envolvidos com o processo cubano retirando seu apoio ao regime. O período entre 1971 e 1976 fica conhecido por *Quinquenio Gris*, uma fase na qual a historiografia ressalta o rígido controle sobre o campo cultural a partir das políticas governamentais.

revolucionárias, e estabeleceu a condenação dos que não mostravam alinhamento com as condutas esperadas pelo regime.³¹

A revista *Casa de las Américas* é um espaço privilegiado para observarmos toda essa dinâmica intelectual que descrevemos nos parágrafos anteriores. Sendo um dos principais periódicos da América Latina e envolvida diretamente com a Revolução Cubana, ajudou a constituir estes debates e discussões, bem como contribuiu para a conformação do discurso anti-intelectualista. Mais uma vez, a figura de José Martí surge para nós como um elemento que serve à revista para a construção de um discurso destinado a atuar no contexto da Revolução Cubana e na rede intelectual ligada a ela que estava dispersa por vários países da América Latina e do ocidente.

Para se tornar um modelo de conduta intelectual, Martí foi revestido pela revista por uma aura exemplar. Em um texto publicado em 1968, podemos observar Martí como um “revolucionário por convicção”, porque acreditava que o sistema só poderia ser mudado a partir da violência. Martí está descrito como “[...] un iluminado que rindió su vida en la guerra que él mismo había invocado y que absorbió sus energías hasta su muerte en Dos Ríos, el 19 de mayo de 1895”³². Assim, o sacrifício surge como fator constantemente associado ao autor que, segundo sua imagem construída pela revista, sempre pensou no bem coletivo antes de pensar em si: “Ninguna faceta de su vida, ningún aspecto de su obra, ninguna dirección de su espíritu escapan a ese destino rendido, gozosamente, con una dosis impar de sacrificio”³³. E, num texto de 1975, numa comparação entre José Martí e Ho Chi Minh, podemos ler: “Y decir revolucionarios es decir que fueron hombres de su tiempo, tan vinculados a sus pueblos que son su propia imagen; que se dieron prisa en conocer, denunciar y combatir”³⁴.

Neste trecho, podemos perceber como o revolucionário deveria estar ligado ao seu povo e ser um homem de seu tempo. Estes são dois argumentos que surgem no discurso anti-intelectualista para defender uma literatura que fizesse da revolução seu material criativo. Assim, vinculado ao mundo que o cerca, o escritor estaria cumprindo seu papel social de denúncia e combate em acordo às premissas revolucionárias. Esses argumentos mostram o entendimento de que a realidade circundante, a vida do escritor, é o que constitui seu referencial e, portanto,

³¹ GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003. p. 57-231. Cabe ressaltar que o realismo socialista, tal como podemos ver configurado na arte soviética da primeira metade do século XX, nunca foi defendido como verdadeira expressão revolucionária no contexto da Revolução Cubana. Mas a busca por essa expressão envolveu, sim, a estética realista como fica exposto nesta obra de Claudia Gilman.

³² MALDONADO-DENIS, M. *El Martí de Martínez Estrada*, p. 167.

³³ SABOURÍN, J. Martí: literatura y política. *Casa de las Américas*, Havana, n. 54, p. 122, mai./jun. 1969.

³⁴ DEL DÍA, M. Ho Chi Minh y José Martí, revolucionarios anticolonialistas, p. 59.

vivendo em uma revolução é natural que sua expressão artística passe pelos temas revolucionários, sem que isso constitua propaganda política.

O excerto destacado também nos permite vislumbrar um uso da figura de Martí: ele constituiu exemplo do que seria o verdadeiro revolucionário. A revista construiu a partir de sua imagem uma definição de conduta revolucionária e, sendo Martí um poeta, um pensador, este modelo foi aplicado também, e principalmente, aos intelectuais. Neste texto de 1969, intitulado “Martí: literatura y política”, vemos sendo construída a relação do poeta do XIX com a arte e podemos perceber como já estava bem instituído este tipo de discurso na revista. É ressaltado durante todo o artigo que, para Martí, literatura significou, acima de tudo, responsabilidade. O autor também deixa claro que uma das virtudes de Martí foi a conjugação entre ato e discurso, entre vida e obra. Estes pares, que no fundo remetem ao par ação revolucionária/expressão artística, configuram um outro elemento do discurso anti-intelectualista que diz respeito a oposição construída entre o “homem de ação” e o “homem de letras”. Aqueles intelectuais que defendiam a liberdade artística estavam sendo vistos como apenas preocupados com a arte, o que lhes afastava da ação política e revolucionária. Assim, quando surge neste texto a argumentação de que para Martí “[...] literatura y política son [...] esferas que lejos de oponerse se influyen y condicionan entre sí, como manifestaciones de una realidad histórica en que se reconocen, a la vez, criaturas y creación”³⁵, podemos notar o teor quase didático deste discurso que pretendia mostrar como o intelectual pode ser revolucionário.

Uma radicalização deste discurso de reprovação ao literato e escritor que estariam preocupados apenas com a literatura, permite que surja na revista este tipo de ataque: “[...] en el momento culminante de su vida el revolucionario que hay en Martí eclipsa todo lo que hay en él de hombre de letras, de intelectual”³⁶. Essa frase é significativa do ambiente criado no campo político-cultural cubano: a supremacia da ação política e do compromisso revolucionário sobre as artes e as expressões culturais estava dada. A hostilidade aos intelectuais estava encarnada na figura do herói máximo cubano. Não seguir os passos de Martí era estar contra o modelo oficial revolucionário e, portanto, implicava atitude contrarrevolucionária.

Conclusão

A revista *Casa de las Américas* se mostrou um importante suporte de debates e discussões que permearam a história política e cultural da América Latina. Mais do que oferecer um espaço para estas discussões, pudemos perceber que ela participou dos debates tomando posições,

³⁵ SABOURÍN, J. Martí: literatura y política, p. 123.

³⁶ MALDONADO-DENIS, M. El Martí de Martínez Estrada, p. 169.

construindo e articulando discursos, defendendo seu projeto editorial e revolucionário. As ideias e noções impressas em suas páginas mostraram-se inseridas em uma rede intelectual, em um diálogo que superou fronteiras geográficas e aproximou intelectuais espalhados pela América Latina. Mais do que expressa, fica clara a importância dos periódicos e impressos para a constituição da história intelectual deste continente que figurou nos planos da Revolução Cubana com uma única identidade.

A figura de José Martí mostrou-se onipresente no projeto destes revolucionários. Sua importância como herói e símbolo nacional superou os monumentos e feriados comemorativos para atingir as páginas de uma publicação que representou a posição oficial do regime cubano. Através dele a revista criou um discurso identitário que unia América, África e Ásia, entendidas como vítimas do imperialismo. A revista, também, encontrou lá no século XIX as origens da Revolução Cubana, juntas ao herói e revolucionário autêntico. Martí tornou-se a base constitutiva de noções, argumentos e entendimentos que serviram para a conformação da face discursiva do processo revolucionário cubano iniciado em 1959. Sua vida e obra foram apropriadas e adequadas às propostas políticas de transformação empreendidas pelos cubanos. Pelo menos na *Casa de las Américas*, o herói reviveu e cumpriu um papel importante no combate intelectual travado entre o campo cultural e o político.